

**ARMADILHAS ESTRUTURAIS E RESISTÊNCIA: A ESCRIVENCIA INDÍGENA
COMO CONTRACULTURA AO APAGAMENTO CULTURAL**

**TITLE AND SUBTITLE IN ENGLISH, ARIAL SOURCE, 12, CENTRALIZED,
UPPERCASE AND BOLD, UP TO TWO LINES**

*Prof.º. Me. Budga Deroby Nhambiquara
PPG FEUSP
Associado/a/e ANPAP: Sim*

RESUMO

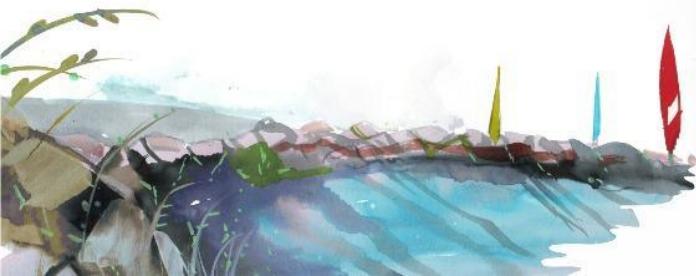
Este artigo faz a provocação sobre os processos de apropriação cultural e intelectual sofrido pelos povos indígenas e africanos, evidenciando na história, na arte, na literatura e na educação. Objetivamos refletir como esses povos tiveram seus saberes, expressões culturais sistematicamente roubados, marginalizados ou descaracterizados ao longo dos séculos pelas narrativas brancas. A metodologia consiste em uma análise histórica, incluindo exemplos de obras e personagens históricos do Brasil e do mundo. Apontamos a necessidade de práticas pedagógicas que estimulem a criticidade, que valorize saberes ancestrais, reconhecendo artistas e intelectuais negros e indígenas, e desconstruindo histórias escrita por mãos brancas. A pesquisa aponta ainda a importância de materiais didáticos antirracistas, que estimulam a representatividade, promovendo uma visão plural e justa da história brasileira.

Palavras-Chave: Cultura Indígena, cultura africana, Decolonialidade, Antirracismo, Aya Yala, Ancestral.

ABSTRACT

This article provokes reflection on the processes of cultural and intellectual appropriation experienced by indigenous and African peoples, evident in history, art, literature, and education. We aim to reflect on how these peoples' knowledge and cultural expressions were systematically stolen, marginalized, or mischaracterized over the centuries by white narratives. The methodology involves a historical analysis, including examples of works and historical figures from Brazil and worldwide. We highlight the need for pedagogical practices that foster critical thinking, value ancestral knowledge, recognize Black and indigenous artists and intellectuals, and deconstruct stories written by white hands. The research also emphasizes the importance of anti-racist educational materials that promote representativeness, fostering a plural and fair view of Brazilian history.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), Linha (Sociologia da Educação), Área (Educação e Ciências Sociais - desigualdades e diferenças). Membro da ARPINSUDESTE (Articulação dos Povos indígenas do Sudeste do Brasil) ligada a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil). <http://lattes.cnpq.br/8964782401681808>



KEYWORDS: *First keyword; Second keyword; Third keyword (minimum three, maximum five keywords, separated by semicolon). (Pular três linhas com espaçamento simples para dar início ao texto).*

Introdução

Neste artigo, proponho fazer uma provocação com a crítica sobre a educação como resistência, ressaltando a importância da abordagem pedagógica indígena e africana (ou afrodescendente) e a intersecção do roubo de conhecimento ancestral que os povos indígenas e africanos sofreram nas mãos de pessoas brancas, sobretudo do invasor europeu e seus descendentes. Evidenciamos o roubo dos saberes ancestrais como contribuinte para a invisibilidade e o apagamento das contribuições desses povos na educação e arte, além disso reforçando narrativas que ocultam o sangue derramado pelo colonialismo. Ao explorar a complexidade dessas dinâmicas, busco incentivar a discussão sobre o papel da educação na promoção da justiça epistemológica e na valorização dos saberes ancestrais e sua devida importância na formação de futuras gerações compromissadas com o “Futuro Ancestral”.

Ao analisar dados históricos das invasões que ocorreram nas terras de Abya Yala, atualmente conhecidas como América, um nome dado em homenagem a mais um colonizador (O italiano Américo Vesúcio), fato esse que inclusive já aponta o roubo de nossas memórias renomeando um território e desconsiderando os nomes concedidos pelos que já estavam aqui, de forma semelhante aconteceu no continente que se chama hoje de África, revelando que nos foi roubado muito mais que ouro e terras, houve um processo de roubo cultural e intelectual, ainda que essa terminologia não seja aceita ou pouco utilizada para se referir aos saberes e tecnologias vindas dos povos indígenas e africanos, o que moldou as percepções e as narrativas sobre esses povos, reverberando diretamente até os dias atuais. Além do roubo de conhecimentos, expressões artísticas e práticas tradicionais, a marginalização sistemática das culturas indígenas e africanas foram consequências destas ações. ropor reflexões sobre esses processos, refletir sobre suas manifestações na literatura, na arte e nas práticas pedagógicas, além de questionar a narrativa heroica de figuras históricas como José de Alencar, Dom Pedro II, Monteiro Lobato, e outros cuja

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), Linha (Sociologia da Educação), Área (Educação e Ciências Sociais - desigualdades e diferenças). Membro da ARPINSUDESTE (Articulação dos Povos indígenas do Sudeste do Brasil) ligada a APIB (Articulação dos Povos Indígenas do Brasil). <http://lattes.cnpq.br/8964782401681808>

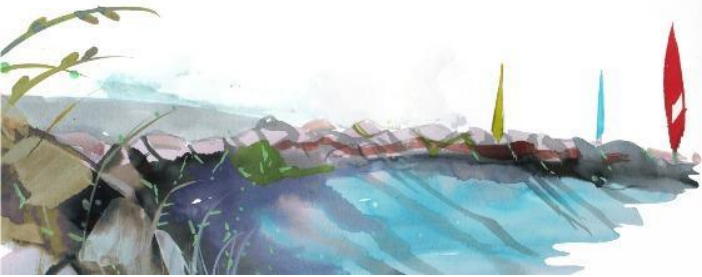


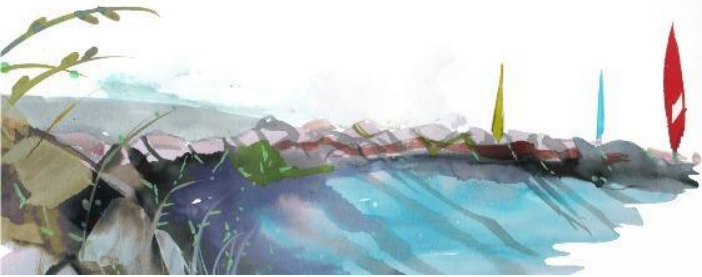
imagem oculta os custos humanos e culturais desde a invasão do Brasil até os dias atuais.

A Apropriação Cultural e Seus Impactos

A invasão das terras de Abya Yala e da África foram marcadas por processos de roubos que se apropriaram desde minerais, insumos de origem natural, da liberdade (escravidão) e de saberes dos povos aos que os invasores visaram eliminar ou marginalizar, substituindo seus conhecimentos por valores eurocêntricos, porém não eliminando por completo esses saberes, utilizando mais a frente como “Descoberta” ou “Invenção” deles (invasores). Os povos indígenas e africanos possuíam (possuem) ricas tradições, saberes e expressões culturais que ao longo do tempo foram sistematicamente desconsiderados ou descaracterizados.

Esses processos de apropriação resultaram na perda de alguns aspectos de várias culturas, em uma tentativa de apagamento étnico ou assimilação cultural pois, eles não se perderam por completo, até porque as culturas passam por processos de resistências e retomadas de seus saberes, inclusive de seus objetos roubados, havendo uma luta para reaver seus pertences que carregam as memórias e histórias de suas culturas, pode se dizer em relação aos povos violentados e colonizados, em contraposição a construção das narrativas que exaltam os invasores enquanto minimizam ou ignoram as contribuições desses povos.

A literatura é um grande exemplo de um poderoso instrumento que cria o imaginário popular, e ao observar as literaturas brasileiras, ou qualquer outra que trata dos povos originários, pode se encontrar uma representação distorcida das culturas originárias, a grande maioria retratada como primitiva ou inferior, o que contextualizou como justificativa para a dominação e exploração. Artistas e escritores brancos, ao apropriar-se de elementos culturais africanos e indígenas, criaram obras que, embora possam valorizar certos aspectos, frequentemente criando os estereótipos que reduzem e generalizam negativamente, perpetuando uma visão colonial e excludente. Na arte, essa apropriação é manifestada na incorporação de símbolos e motivos tradicionais de forma usurpadora, onde a maioria das sem o devido reconhecimento



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

ou respeito aos povos e suas memórias. Essa apropriação contribuiu para propagação de estereótipos da pessoa indígena figurando um ser de cabelos lisinhos cortado em forma de cuia e andando nu pela mata, ou da “coisificação” da pessoa negra e de suas tradições resultando na diminuição do valor cultural, tornando seus conhecimentos e símbolos objetos de consumo e exotização, ao invés de elementos de resistência e identidade.

A educação no Brasil, em várias camadas vem passando por uma mudança constante, gerada pela necessidade de acompanhar mudanças sociais, culturais, econômicas e tecnológicas. Porém é visível que para a manutenção do poder, ou seja, permanecer guiado por “mãos brancas” cria-se uma necessidade de buscar ou “importar” abordagens pedagógicas hegemônicas influenciando diretamente o desenvolvimento integral das crianças e jovens. Corroborando com essa ideia destacamos Ailton Krenak que em seu livro “O Futuro Ancestral” nos convida a refletir sobre o papel da educação na trajetória de quem luta pelo futuro.

A literatura de Conceição Evaristo indica a importância de atentar para narrativas da escrivência, diante disto, proponho que as relações entre currículo e conhecimento sejam também pautadas pela experiência e experienciar, o mesmo experienciar que cada autor indígena e afro traz em suas obras, o que traz como possibilidade de aproximação dos educandos e os autores com o acesso à realidade em que vivem e referenciam a si mesmo, práticas que podem emergir em performances nos caminhos formativos na luta contra o racismo estrutural.

Entre as obras que acerta no amago da sociedade que nos impõe o racismo estrutural Beatriz Nascimento roteiriza o filme *Ôrí*, um filme documentário que levou 11 anos para ser produzido, trazendo discussões que transcreve os debates raciais para desconstruir a ideia de que os negros eram fortes e os índios preguiçosos, argumentos usados pelos “invasores” ao longo do tempo com intuito de forjar a exploração da população afrobrasileira. O documentário que é uma autoeacrita ao propor sua visão de mundo pelas vivências de Beatriz do Nascimento junto ao coletivo que é os movimentos aos quais ele defende o que torna também uma escrita do povo, de um corpo negro múltiplo e que se estende aos povos indígenas pois isso é bem lembrado



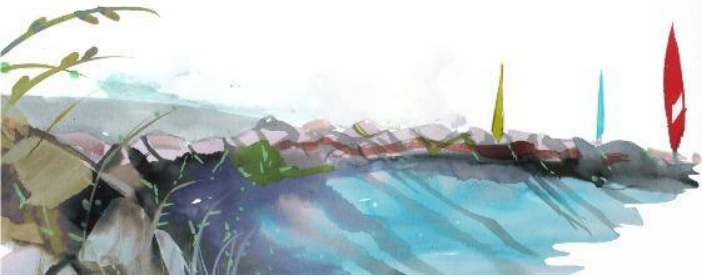
por ela em várias de suas obras. Desta forma, se propõem um caminho a ser percorrido, percorrido pelo corpo em movimentos de afetos, de espantos, de dúvidas. Uma abordagem decolonial de análise fílmica, percebendo o filme como um corpo aquilombado, ou no meu caso, (que peço licença também aqui para tratar me na primeira pessoa, de memórias e resistência dos povos indígenas ao qual faço parte) um corpo aldeado.

É (...) ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho a direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (ÔRÍ, 1989, s.p.)

Práticas Pedagógicas e Narrativas Históricas

Na educação, esse roubo se revela na construção de currículos que privilegiam uma história, como diz a Profa Historiadora Beatriz do Nascimento, “história escrita por mãos brancas” (Nascimento,1977). História essa que omitindo as contribuições dos povos indígenas e africanos. Uma abordagem que reforça uma narrativa de “heróis brancos”, mas que exclui qualquer um que não faz parte deste pacto, que destaca figuras como Dom Pedro II como símbolos de progresso e civilização, enquanto oculta os custos humanos, sociais e culturais de seu governo e do período imperial.

A narrativa de Dom Pedro II, por exemplo, é apresentada de forma idealizada, como um símbolo de nacionalidade e progresso. Contudo, essa visão distorcida esconde o preço da escravidão, o deslocamento de povos indígenas e os conflitos sociais gerados pelo imperialismo e chamo a reflexão de “quantos tijolos” Dom Pedro II colocou em cima do outro para construir os prédios aos quais diz “ter construído”, ou quantos prédios ele projetou. E não fugimos do âmbito acadêmico já que podemos levantar a questão de quantas pessoas brancas sendo arquitetas, engenheira que



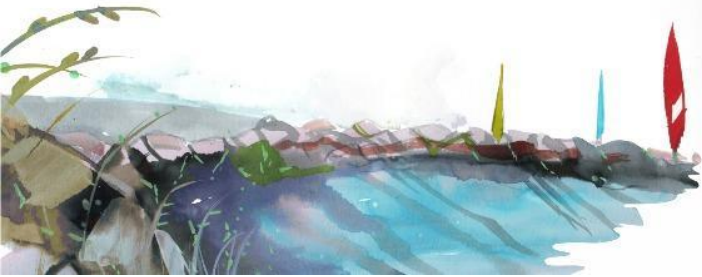
extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

usurpou o conhecimento de “seus” escravizados para erguer esses prédios, já que contradizendo livros de história as pessoas que foram arrastadas de suas terras na África e trazidas para o nosso continente não eram pessoas sem conhecimento, em meio a todos haviam professores, matemáticos, filósofos, pessoas com conhecimento que iam além do que se viam na Europa, porém foram jogados em fazendas para realizar os mais duros serviços braçais e sendo proibidos inclusive de aprender a ler o idioma daqueles que os aprisionaram.

Além do Egito, contestando o imaginário popular que foi construído não apenas erroneamente mas proposital é um país Africano, que a milênios trouxe conhecimentos na área da matemática e ciências de forma ampla, podemos afirmar que outros países neste continente também detinham conhecimentos semelhantes, mas especulamos que foram sendo aos poucos “destruídos” por aqueles que diziam que estavam em missão de “Levar a luz”, por isso pegamos o exemplo do próprio Egito, que como Gamal Mokhtar nos traz em “História geral da África, II: África antiga” O Egito nos deixou valiosa herança nos campos da física, química, zoologia, geologia, medicina, farmacologia, geometria e matemática aplicada” (MOKHTAR 2010), e como já afirmamos, é impossível pensar que o Egito detinha tanto conhecimento vasto e outros países no mesmo continente não ter nada parecido, já que Mokhtar ressalta que o Egito não entrou em contato apenas com a Europa mas também com outras partes da África.

Embora o Egito estivesse aberto às correntes culturais vindas sobretudo do Oriente, este volume mostra que, em grande medida, a civilização repousa em bases africanas; mostra igualmente que o Egito, que é uma parte da África, foi outrora o principal centro da civilização universal, de onde se irradiaram a ciência, a arte e a literatura, influenciando principalmente a Grécia. Nos domínios da matemática (geometria, aritmética, etc.), da astronomia e da medição do tempo (calendários, etc.), da medicina, da arquitetura, da música e da literatura (narrativa, lírica, dramática, etc.), a Grécia recebeu, desenvolveu e transmitiu ao Ocidente boa parte da herança egípcia – do Egito faraônico e ptolomaico. Por intermédio da Grécia, a civilização do antigo Egito entrou em contato não apenas com a Europa, mas também com a África do Norte e mesmo com o subcontinente indiano. (MOKHTAR, 2010, p 858)



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Dito isso é notório que esse conhecimento veio trazido para cá e os que não foram “mortos” pelo colonizador foram roubados por eles.

No mês de março de 2025, ao andar pelas ruas da Pequena África, no Rio de Janeiro em uma pesquisa de campo, adentramos para uma visita guiada no O MUHCAB - Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira, e descobrimos que hoje onde fica o Museu foi originalmente construído em 1877 como a primeira escola pública da América Latina, a Escola José Bonifácio, e quem leva o crédito pela construção é Dom Pedro II. Porém na mesma rua encontra se o IPN-Instituto Pretos Novos, ou como conhecemos Museu dos Pretos Novos, e a primeira coisa que nos chama a atenção no museu é a descoberta de um “cemitério” de pessoas pretas no local, caso que foram encontrados restos mortais de africanos escravizados, conhecidos como que alguns que morreram após a chegada ao Brasil, outros durante as construções. E voltamos ao questionamento sobre os créditos a quem realmente construiu as ruas, os prédios, e até a quem projetou. Quantos destes estavam naquelas valas que abriram improvisadas, para que nomes como o do “bom velhinho” viesse a ser louvado como “O Magnânimo”?



Imagem 1. Museu dos Pretos Novos. Fonte: Acervo pessoal do autor.



extremos

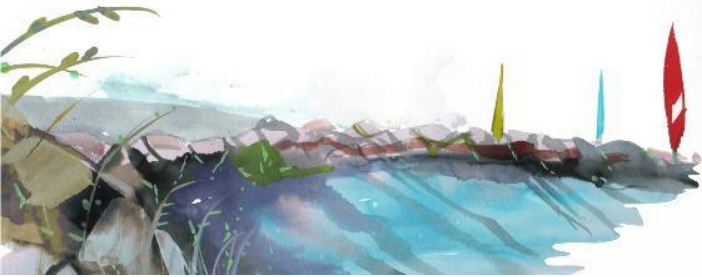
34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Um caso descoberto recentemente aponta um destes roubos, é o caso do Sr Nearis Green, uma pessoa negra responsável pela criação da receita de um dos Wiskys mais vendidos do mundo que somente agora foi lhe creditado esse feito, pois até então acreditava na história de que Jack Daniel havia aprendido a receita com um pastor, somente 150 anos depois é que a empresa de bebida Jack Daniel's revelou a verdade. Continuamos a indagar sobre quantas obras ou descobertas, sejam na medicina, na arquitetura, ou quaisquer campos da ciência escondem pessoas pretas, pessoas indígenas. Essa construção cria a narrativa que serve para perpetuar uma visão de história que favorece determinados grupos e silencia as vozes daqueles que foram marginalizados. A análise dos processos de apropriação(roubo) cultural e intelectual revela-se fundamental para compreender a construção das narrativas históricas e culturais que ainda predominam na sociedade contemporânea.

E quando analisamos a apropriação dos conhecimentos de povos indígenas e pretos é impossível não se deparar com a responsabilidade da academia nisso, já que por décadas(senão séculos) o indígena na academia foi tratado sempre como objeto de estudo, não lhes dando a oportunidade de falar de si para si, ou seja, o indígena não podia falar do indígena, tendo sempre que uma pessoa branca falar por eles, e quando o outro fala por si ele fala o que quer e não a realidade, assim se criaram os “entendedores de indígenas, ou os “Doutores em Indígenas”, A Dra Geni Nunes traz em sua obra essa reflexão quando chama a importância do indígena na academia.

Estudando relações raciais e de gênero na academia desde 2010, fui percebendo que as perspectivas indígenas, quando presentes, apareciam em geral na posição de objeto de pesquisa e muito raramente na autoria como sujeitos desse conhecimento. Tal cenário vem se transformando nos últimos anos, um resultado da pressão do movimento indígena nas diferentes políticas (inclusive nas afirmativas). Faço parte dessa geração de acadêmicos/as indígenas que ingressou na universidade na última década, somando-me aos demais parentes nesse grande processo de retomada epistêmica que temos construído coletivamente. (NUNES. 2022 p. 10)

Evocando novamente a professora e historiadora Beatriz Nascimento que já afirmava em 1977 no documentário da TV Cultura “O NEGRO DA SENZALA AO SOUL” que,



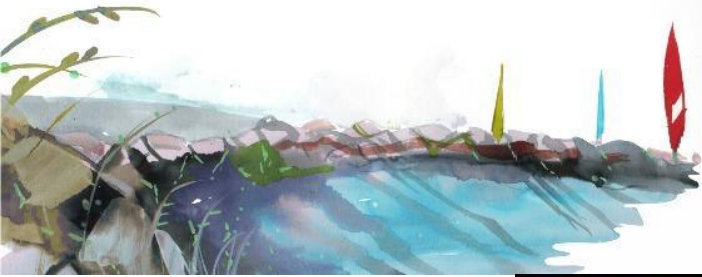
extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

“frequentamos universidades, frequentamos escolas e não se tem uma visão correta do passado”, enfatizando que “A história do Brasil foi escrita por mãos brancas”.

“A história do Brasil... eu gostaria de dizer aqui uma frase do José Honório Rodrigues, que já se tornou, assim, quase uma afirmação geral: a história do Brasil foi escrita por mãos brancas. Tanto o negro quanto o índio (indígena) não tem sua história escrita ainda. E isso é um problema muito sério pois a gente frequenta universidades, frequenta escolas e não tem uma visão correta do passado, da gente...” (TV CULTURA, 1977).

Na academia há uma dificuldade em creditar indígenas, alguém que vem de séculos e séculos de apropriação e apagamento. Em estudos sobre o a arte barroca brasileira conheci uma obra de título “Jesus Flagelado” que encontra se no Museu de Arte Sacra de Pernambuco datando do século XVII, mas o que chama a atenção na obra é que na época (2011) a única menção ao autor que se tinha era a frase “Pintada por Um Índio”, anos mais tarde o museu mudou os dizeres para “Autor Desconhecido”. A pessoa indígena ali não podia ser reconhecida como o autor de uma obra a qual foi importante o suficiente para que alguém a guardasse e a colocasse em um museu, e posterior não tornou se ainda mais complexo a ponto de não querem mencionar que um indígena poderia ser um artista, ou ao menos um artista com técnicas que é julgado pela academia como “genial”.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

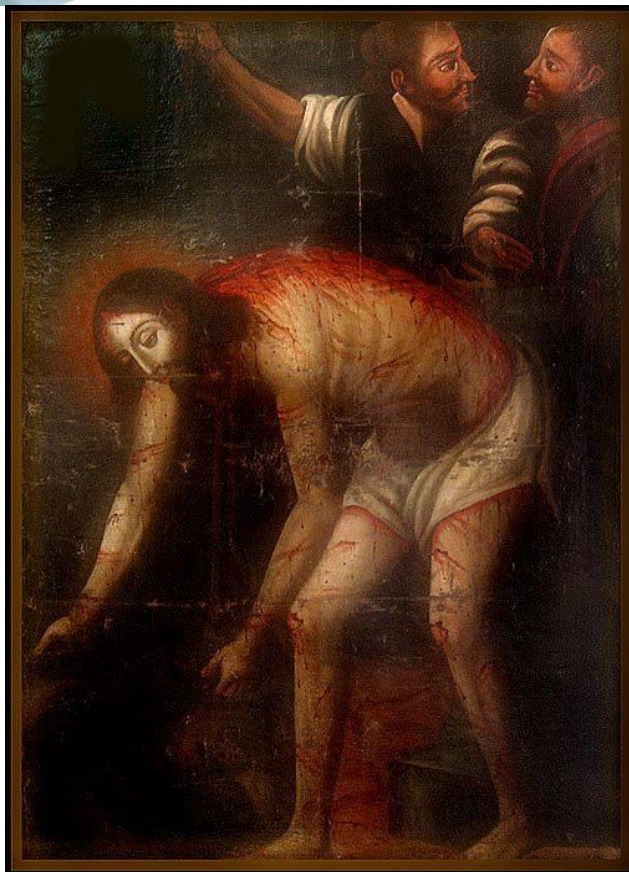
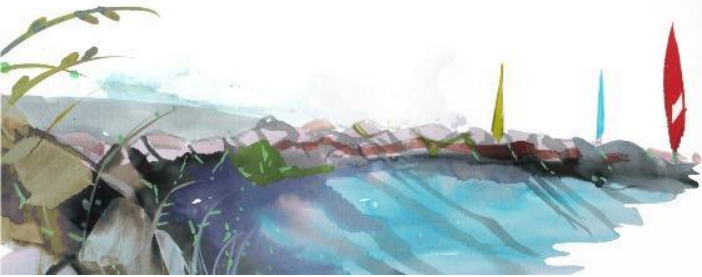


Imagem 2. Jesus flagelado, autor desconhecido. século XVII. Fonte: Acervo Museu de Arte Sacra de Pernambuco

Reconhecer a existência dessas apropriações é um passo importante para promover uma revisão crítica dos relatos oficiais e valorizar as contribuições dos povos indígenas e africanos. Para além disso, é necessário promover práticas pedagógicas que desconstruam narrativas eurocêntricas e que evidenciem as histórias, saberes e expressões culturais desses povos. A valorização e o resgate dessas culturas, além de desafiar a narrativa heroica tradicional, contribuem para uma sociedade mais plural e democrática, onde a diversidade seja reconhecida como fonte de riqueza. Em suma, compreender e refletir sobre os processos de apropriação cultural e intelectual é essencial para repensar nossa história e construir uma memória mais justa, que reconheça as contribuições, resistências e sofrimentos dos povos originários e africanos. Somente assim poderemos avançar rumo a uma sociedade que valorize



sua diversidade cultural e que promova uma educação crítica, inclusiva e transformadora.

E “Se” - Referenciando trabalhos negros e indígenas

A falta de referências (ou poucas a ponto de quase nenhuma) indígenas e negras no contexto escolar sejam na literatura, ou arte/educação, é um problema que perdura a séculos e vem contribuindo, como já mencionado acima para a criação de estereótipos que tratam a cultura destes povos como primitiva e inferiores, inclusive afasta a possibilidade de o educando se ver como negro ou indígena, parafraseando Bell Hooks, é preciso uma pedagogia engajada para que os educandos sintam entusiasmo em aprender e os professores em ensinar.

“Mas a verdade é que a pedagogia engajada, em alguma de suas versões, é o único tipo de ensino que realmente gera entusiasmo na sala de aula, que habilita os alunos e os professores a sentir a alegria de aprender.”(Hooks p. 269)

E como usar Paulo Freire como referência curricular enquanto ignora suas principais lutas, a luta do povo para o povo, já que em diversos momentos ele afirma que temos enquanto educadores o dever de possibilitar aos educandos uma educação com criticidade, onde eles possam ser os protagonistas de suas próprias histórias.

Este é um esforço que cabe realizar, não apenas na metodologia da investigação temática que advogamos, mas, também, na educação problematizadora que defendemos. O esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, cuja análise crítica lhes possibilite reconhecer a interação de suas partes. (FREIRE, 1987, p. 133)

A exemplo, E se os educandos tivessem tido uma abordagem de literaturas como “Amoras de Emicida” ao invés de “Reinações de Narzinho” de Monteiro Lobato. E se falamos em Monteiro Lobato é de suma importância lembrar que suas obras não deveriam sequer chegar próximo de uma escola de base, quanto mais ter edifícios escolar homenageando o com nome dele ou de suas obras.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS



Imagem 3. Capa do Livro Amoras 2018 de Emicida. Fonte: Acervo pessoal do autor.



Imagem 4. Ilustração de Tia Nastácia de 1928 do Acervo Magno Silveira. Fonte <http://ameninacentenaria.bbm.usp.br/index.php/ilustradores/>

E se, ao fazer uma leitura de O Pequeno Príncipe Preto de Rodrigo França que em vários momentos fala da representatividade da baobá, árvore que tem vários significados em diversos povos no continente africano, sendo algumas o companheirismo, representando a ancestralidade e a oralidade dos terreiros de candomblé, em contra ponto ao Pequeno Príncipe de Antoine de Saint-Exupéry dando ênfase ao trecho em que o Pequeno Príncipe narra seu trabalho em se livrar das



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

“pragas” sementes de baobá já que para ele ela (baobá) é tão forte que “acabaria com seu pequeno planeta”.

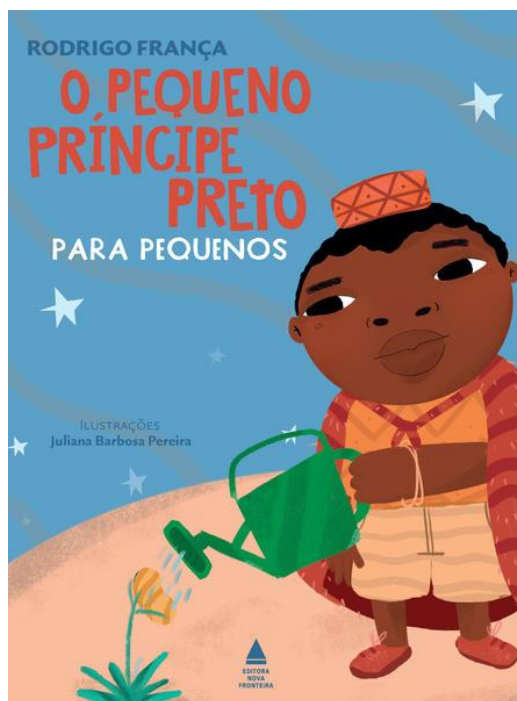


Imagem 5. Capa do Livro O Pequeno Príncipe Preto de Rodrigo França. Fonte: acervo pessoal do Autor

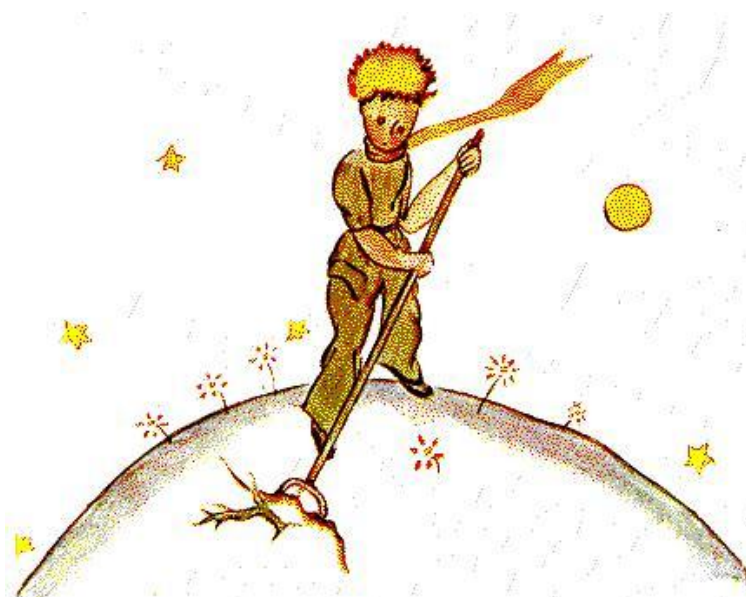


Imagem 6. Figura do Trecho do Livro “Pequeno Príncipe” de Antoine de Saint-Exupéry onde o Príncipe está a arrancar as baobás. Fonte: Acervo Pessoal do Autor.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

E se apresentarmos “O presente de Jaxy Jaterê de Olvio Jekupé ao invés de apresentar O Saci escrito por Monteiro Lobato, um homem branco, hegemônico, que entre vários povos e escritores roubou histórias dos povos indígenas e transformou e usou as como forma de introduzir parte de suas visões racistas para o público infantil juvenil. Olvio Jekupé, escritor indígena Guarani que apresenta Jaxy Jateré, personagem que segundo nossas histórias é o real “Saci Pererê” que foi mudado por “mãos brancas”.



Imagem 7. Capa do Livro O presente de Jaxy Jaterê de Olvio Jekupé 2017 Fonte: Acervo pessoal do autor.



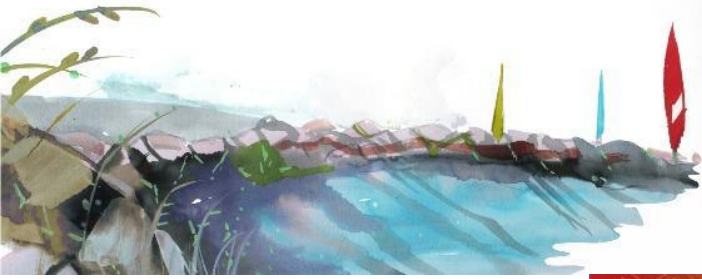
extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 8. Capa de O Saci de Monteiro Lobato 2007 Fonte: Acervo pessoal do autor.

E se dialogássemos sobre conhecida também o Livro Metade cara, metade máscara de Eliane Potiguara em contraponto a Iracema de José de Alencar. (ou qualquer livro dele)



extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

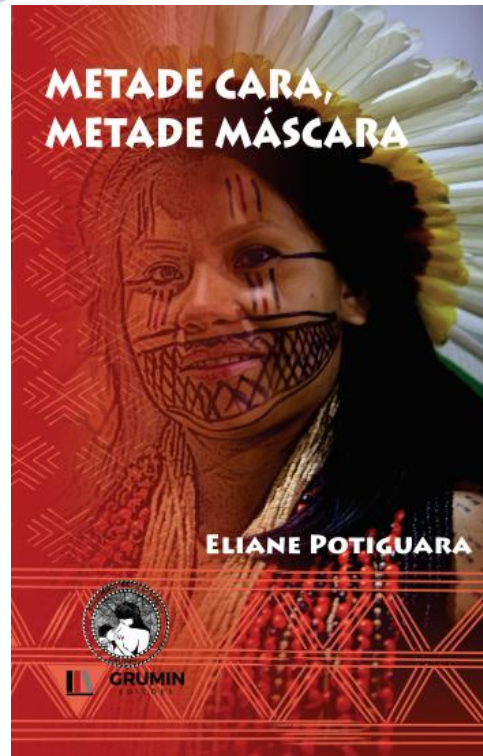


Imagem 9. Capa do livro Metade Cara Metade máscara de Eliane Potiguara, 2019. Fonte: Acervo pessoal do autor.

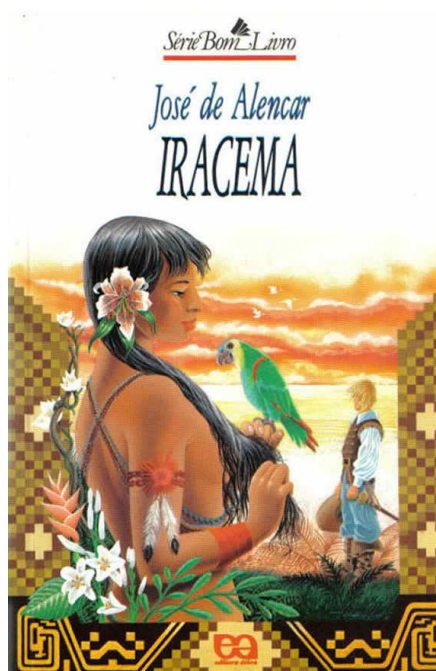
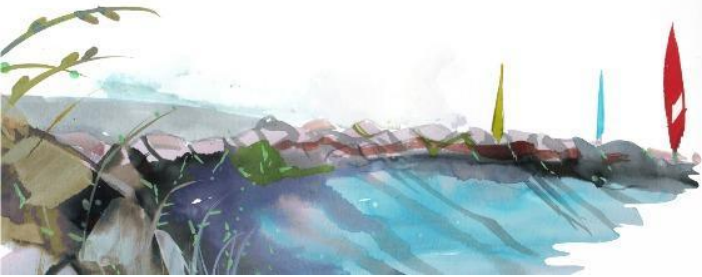


Imagem 10. Capa do livro Iracema de José de Alencar. Fonte: Acervo pessoal do autor.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

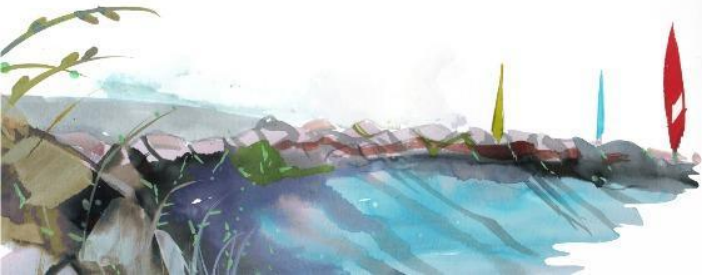
“E se...”, são muitos “E se” dentro deste contexto em que focamos em artistas indígenas e negros sem adentrar muito em quem são cada um dos autores e suas trajetórias para conseguirem publicar um livro, ou pintar uma obra e ser reconhecidos com seus nomes postos em obras que estão expostas em museus, o que tornou se suas “escrevivências”, destacadas em uma luta para não serem apagados, ou os autores brancos que são “aclamados” por uma elite branca recebendo titulo inclusive de “pai da literatura brasileira e mundial” e o como eles que estão dentro de um grupo de privilégios usaram a literatura para impor o peso da servidão enquanto roubam as além da liberdade as memórias dos que foram trazidos e aos que já estavam aqui.

E se abordássemos artistas das comunidades cigana, movimentos lgbtqia+, e várias outras minorias esse artigo ficaria no “E se” eterno.

Contudo, a luta pelo reconhecimento das memórias dos povos indígenas, africanos e afrodescendentes, e a reparação ao roubo que aconteceu (e acontece) de todo conhecimento ancestral que até hoje em diversos trabalhos é mencionado como “Folclore” ou “Conhecimento popular”, somado a luta pela inclusão crítica de artistas indígenas e afro nos livros didáticos é apenas o início do caminho a percorrer, já que essa parte pode ser ignorada por muitos, incluindo professores que estão dentro da sala de aula, mas se espelharmos em Bell Hooks, escrevendo, criando conseguiremos ver essa história se quebrar ou quebrar as manobras que criaram para nos escravizar e os forçamos a fazer exatamente o que precisa se usar as armas que eles usam, e neste contexto denunciar e utilizar a lei de direitos autorais mas pontuando a produção do conhecimento coletivo.

Quando preciso dizer palavras que não se limitam simplesmente espelhar a realidade dominante ou se referir a ela, falo do vernáculo negro. Aí, nesse lugar, obrigamos o inglês a fazer o que queremos que ele faça. Tomamos a linguagem do opressor e voltamo-la contra si mesma. Fazemos das nossas palavras uma fala conta-hegemônica, libertamo-nos por meio da língua (hooks, 2013. P, 233)

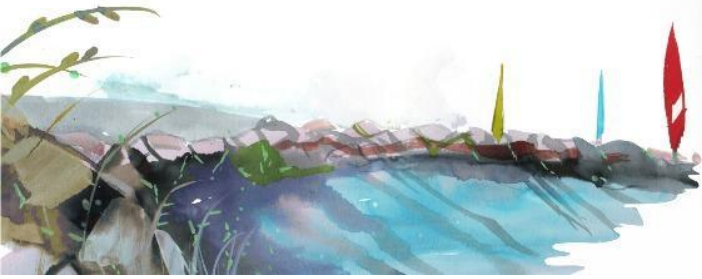
O roubo cultural, que teve seu enraizamento no contexto colonial, representa mais das violações contidas nos horrores que povos indígenas e africanos foram submetidos durante seculos, e que impacta na construção de identidades e o



reconhecimento de saberes ancestrais como conhecimento a ser respeitados. Compreender isso é crucial para que a sociedade torne-se consciente das suas diversidades e atente às lutas contra as desigualdades. A luta pelo reconhecimento, pela reparação histórica e pela valorização dos saberes indígenas e africanos é, portanto, uma etapa essencial para a construção de uma sociedade mais justa, plural e inclusiva, caminhando na direção de uma narrativa histórica e cultural que respeite e valorize todas as vozes e saberes.

Referências

- APIB. Encontro de lideranças Indígenas em São Paulo, 18/01/2020. Acesso em: <https://apibioficial.org>. Acesso em: 10 de ago. de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 15 de jul. de 2023.
- BRASIL. Decreto nº 9.603, de 10 de dezembro de 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9603.htm Acesso em 05 de out. de 2023.
- COSTA, O. B. R.; OLIVEIRA, T. Diminuindo o preconceito indígena levando as vozes indígenas: análise livro “Quando Eu Caçava Tatu e Outros Bichos”. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 1676–1691, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i1.4014. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4014>. Acesso em: 8 de out. de 2023.
- EVARISTO, Conceição. "Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita". In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org.). Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.
- HOOKS, Bell Ensinando a transgredir: a como pratica da liberdade / bell hooks tradução de Marcelo Brandao Cipolla. - Sao Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- JESUS, G. S/Taquary Pataxó- TAVARES, Joana Brandão- SANTANA, Maiara Damasceno da Silva. Da aldeia à universidade: A Presença indígena no ensino superior brasileiro. Disponível em: <http://www.perspectivahistorica.com.br/revistas/1530364681.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2023.
- MOKHTAR, Gamal. História geral da África, II: África antiga. 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.
- MOREIRA, Vânia M. L. Índios no Brasil: marginalização social e exclusão historiográfica. In: Diálogos Latinoamericanos. Dinamarca: Centro de Estudos Latinoamericanos / Universidade de Aarhus. nº 3/2001.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

NHANDEWA, Tiago. Perspectiva Guarani Nhandewa sobre formação intercultural de professores indígenas: ancestralidade, espiritualidade, cosmologias e línguas indígenas. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

NÚÑEZ, Geni. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento do imaginário. Revista ClimaCom, Diante dos Negacionismos | pesquisa – ensaios | ano 8, no.21, 2021. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento>. Acesso em 30 de Jun. 2023.